



Nós, inquilinos da Terra

Felipe Saldanha

São notáveis os crescentes esforços dos mais diversos grupos, organizações e comunidades se direcionando para a causa ambiental. Relatórios científicos, reportagens, campanhas de conscientização e até mesmo novas linhas de mercadorias falam em sociedade sustentável, ou seja, mais harmônica com a natureza. O que causou esse novo comportamento?

No campo econômico, a empreitada para se tornar “verde” segue um novo padrão de valores dos consumidores. As empresas estão investindo em inovações – tais como uso inteligente da energia, manejo sustentável de matérias-primas e neutralização de carbono – para conquistar a confiança do cliente. O uso racional dos recursos naturais também pode diminuir custos, aumentando os lucros. Nesse campo, em resumo, a nova postura é geralmente fruto de uma necessidade do mercado.

E no campo sócio-político? Iniciativas individuais, de ONGs e de governos se multiplicam, buscando a conservação de biomas intactos, recuperação de ecossistemas degradados e conscientização em massa, para bloquear e reverter o processo de exploração desenfreada do ambiente. Como explicar essa mudança de mentalidades e de posturas?

A explicação se dá a partir de previsões criadas nas últimas décadas, que amadureceram e se desenvolveram a partir de estudos sobre as conseqüências da ação humana no meio ambiente e receberam a chancela da maior parte da comunidade acadêmica e da população de modo geral. Porém, ao analisá-las, o que visualizamos? Imagens da Terra sendo destruída, onde a atual geração tem o heróico papel de *salvar o planeta* das ameaças provocadas pela geração anterior?

Na verdade, mesmo que o homem destruísse a superfície terrestre, a evolução faria com que novas espécies surgissem e novos ecossistemas se desenvolvessem. Não voltaríamos ao estado inicial, mas a natureza continuaria seu caminho. Sem a humanidade.

Portanto, “*salvar o planeta*” não é uma expressão muito adequada, pois implica uma relação inexistente de dominação do homem *sobre* a Terra. Em seu artigo “Um ambientalista no século XXI: por favor, não defendam a natureza!”, Dener Giovanini, presidente da Renctas (Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres, uma das organizações mais importantes do Brasil), falou sobre essa relação: “[Precisamos] mudar a nossa postura de supremacia diante da natureza [...] Entender de vez que a natureza não precisa da nossa defesa. Reconhecer com humildade a sua força e poder”.

Por isso, até certo ponto, a luta pela preservação da natureza é uma luta pela preservação da humanidade. Somos apenas inquilinos do mundo! Para não sermos “despejados” só precisamos ter um bom comportamento, pois o único aluguel que nos é cobrado é “deixar nosso ambiente em um estado igual, ou melhor, ao que encontramos” (baseado no pensamento de Antônio Carlos Gomes da Costa, um dos maiores educadores do Brasil).

Conhecer a magnitude da natureza fortalece nossa admiração e respeito por ela. Então, devemos sim continuar a fiscalização de nossos hábitos e buscar a construção de uma sociedade ambientalmente mais justa. É uma questão de ética: da mesma forma que fomos equipados com uma mente fantástica que nos permite criar ferramentas, manipular nosso meio e alterar os planos naturais, recebemos a consciência da nossa responsabilidade de respeitar os seres vivos com os quais compartilhamos nossa estadia na Terra. Vamos agir de acordo com uma conduta ecológica.